



A ESCRIVÊNCIA COMO UM PROCESSO DE LIBERTAÇÃO E DE REESCRITA DA VIDA

Maria Luísa Cardoso de Sousa Neiva¹

Juliana de Freitas Dias²

Resumo: Este artigo sintoniza com o desejo de que, dentro das salas de aula brasileiras, pessoas negras, especialmente as meninas e mulheres, não sejam tratadas apenas como parte objetificada e apagada de uma narrativa histórica racista, de base ideológica moderno-colonial. Partilhamos reflexões críticas sobre a construção da escriturabilidade como um ato de resistência, como um gesto libertador e revolucionário de escrita, que versa sobre as minorias e para as minorias, com o intuito de focalizar o protagonismo das mulheres pretas, para as suas histórias e conquistas. O objetivo central é analisar a perspectiva etnográfica crítica de uma das obras de Conceição Evaristo, um livro de contos chamado “Insubmissas lágrimas de mulheres”. Para compreender elementos do racismo estrutural, do feminismo decolonial e para ressaltar a contribuição de uma literatura representativa para jovens que necessitam cada dia mais de pertencimento, analisamos composição textual de dois contos desse livro que narra histórias de vida de mulheres pretas brasileiras. É um artigo ensaístico, com nuance autobiográfica (focalizada na narrativa de vida da primeira autora), cuja ação discursiva se sintoniza com a educação linguística e literária crítica, através de processos de leitura e de escrita baseados em uma autoria decolonial, como a posta em prática por Conceição em sua escriturabilidade. As reflexões foram feitas com base em teorias sociodiscursivas e teorias decoloniais relacionadas ao feminismo negro, à luta antirracista e contra a lesbofobia.

Palavras-Chave: escriturabilidade, leitura decolonial, literatura engajada, educação crítica.

Abstract: This article is in tune with the desire that, within Brazilian classrooms, black people, especially girls and women, are not treated simply as an objectified and erased part of a racist historical narrative, with a modern-colonial ideological basis. We share critical reflections on the construction of writing as an act of resistance, as a liberating and revolutionary gesture of writing, which deals with minorities and for minorities, with the aim of focusing on the protagonism of black women, for their stories and achievements. . The central objective is to

¹ Professora da Educação Básica, formada em Letras pela Universidade de Brasília.

² Professora e pesquisadora da Universidade de Brasília. Coordenadora do Grupo de Pesquisa GECRIA. Foi orientadora de TCC (graduação) da Maria Luísa no ano de 2023.

analyze the critical ethnographic perspective of one of Conceição Evaristo's works, a book of short stories called "Insubmissas Tears of Women". To understand elements of structural racism, decolonial feminism and to highlight the contribution of representative literature for young people who increasingly need belonging, we analyzed the textual composition of two short stories from this book that narrates the life stories of black Brazilian women. It is an essayistic article, with autobiographical nuances (focused on the life narrative of the first author), whose discursive action is in tune with critical linguistic and literary education, through reading and writing processes based on decolonial authorship, such as that put in practice by Conceição in her writing. The reflections were made based on socio-discursive theories and decolonial theories related to black feminism, the anti-racist fight and against lesbophobia.

Keywords: writing, decolonial reading, engaged literature, critical education.

Resumen: Este artículo está en sintonía con el deseo de que, dentro de las aulas brasileñas, los negros, especialmente las niñas y las mujeres, no sean tratados simplemente como parte objetivada y borrada de una narrativa histórica racista, con una base ideológica colonial moderna. Compartimos reflexiones críticas sobre la construcción de la escritura como acto de resistencia, como gesto liberador y revolucionario de la escritura, que aborda a las minorías y para las minorías, con el objetivo de centrarse en el protagonismo de las mujeres negras, por sus historias y logros. . El objetivo central es analizar la perspectiva etnográfica crítica de una de las obras de Conceição Evaristo, un libro de cuentos titulado "Insubmissas Lágrimas de mujeres". Para comprender elementos del racismo estructural, del feminismo decolonial y resaltar el aporte de la literatura representativa para los jóvenes que cada vez necesitan más pertenencia, analizamos la composición textual de dos cuentos de este libro que narran las historias de vida de mujeres negras brasileñas. Se trata de un artículo ensayístico, con matices autobiográficos (centrado en la narrativa de vida del primer autor), cuya acción discursiva está en sintonía con la educación lingüística y literaria crítica, a través de procesos de lectura y escritura basados en la autoría descolonial, como el que se pone en práctica. por Conceição en sus escritos. Las reflexiones se realizaron a partir de teorías sociodiscursivas y teorías descoloniales relacionadas con el feminismo negro, la lucha antirracista y contra la lesbofobia.

Palabras clave: escritura, lectura decolonial, literatura comprometida, educación crítica.

O foco deste artigo é partilhar reflexões críticas sobre a construção da escrivência como um ato de resistência, como um gesto libertador e revolucionário de escrita, que versa sobre as minorias e para as minorias, com o intuito de focalizar o protagonismo das mulheres pretas, para as suas histórias e conquistas. O objetivo central é analisar a composição linguística e discursiva para compreender elementos do racismo estrutural, do feminismo e para ressaltar a contribuição de uma literatura representativa para jovens que necessitam cada dia mais de pertencimento. Essa defesa sintoniza com o desejo de que, dentro das salas de aula, pessoas negras, especialmente as meninas e mulheres, não sejam tratadas apenas como parte objetificada e apagada de uma narrativa histórica racista, de base ideológica

moderno-colonial. Trata-se de um estudo que dialoga ativamente com projetos decoloniais de educação, como o da professora Gina Vieira e sua pedagogia crítica, através do Programa Mulheres Inspiradoras na Secretaria de Educação do DF. É um artigo ensaístico, com nuance autobiográfica (com foco na narrativa de vida da primeira autora), cuja ação discursiva se sintoniza com a educação linguística crítica, através de processos de leitura e de escrita baseados em uma autoria decolonial, como a posta em prática por Conceição Evaristo.

A pesquisa foi desenvolvida analisando a perspectiva crítica e decolonial de uma das obras de Conceição Evaristo, um livro de contos chamado “Insubmissas lágrimas de mulheres”. O foco recai sobre uma investigação dos seus sentidos possíveis de acordo com escolhas discursivas, partindo dos veios discursivos centrados no léxico, na composição do estilo e no eixo temático, em sintonia com a esfera política e histórica de uma literatura insurgente. As reflexões foram feitas com base em teorias sociodiscursivas e teorias decoloniais relacionadas ao feminismo negro, à luta antirracista e contra a lesbofobia. As temáticas centrais estão associadas à violência contra a mulher, às vivências relacionadas à comunidade LGBTQIAP+, ao racismo e à desigualdade social.

Os contos escolhidos para composição do corpus dessa pesquisa narram as histórias de vida de Isaltina Campo Belo e Rose Dusreis. Essa escolha está ligada a vivências que me aproximam das personagens e que perpassam a minha história. São leituras que me tocaram intimamente e me geraram um senso de pertencimento e de compreensão. O conto de Isaltina traz a história de uma mulher que sente dúvidas em relação ao seu gênero social e que cresce sem compreender muito bem o que sente. Em suas palavras: “Tive uma infância feliz, só uma dúvida me perseguia. Eu me sentia menino e me angustiava com o fato de ninguém perceber” (p. 57). O conto traz a perspectiva de (não)aceitação da própria sexualidade, as dificuldades e violências vivenciadas e as lutas diárias de Isaltina e de muitas mulheres. É um conto que representa a lesbofobia, o estupro corretivo e também o afeto. Para Isaltina, seus pais “tinham me dado um nome errado, me tratavam de modo errado, me vestiam da maneira errada... estavam todos enganados”. O conto de Isaltina entrega o tom de afeto que revoluciona a vida de todos.

O conto de Rose Dusreis faz uma reflexão sobre os espaços e as possibilidades de acesso limitado pelo racismo. Fala sobre uma mulher que deseja dançar ballet, mas que não teve possibilidade de investir no estudo da dança. Rose nos conta “Eu nasci com o pendor da dança, embora para minha família, isso não significasse nada” (p. 107). Ao me deparar com Rose Dusreis, lembrei dos meus primeiros passos na dança, meus primeiros passos na Universidade e em todos os lugares onde eu sentia que a minha presença não cabia. Lembrei-me dos espaços em que minha presença era questionada, fosse pelo meu cabelo alto demais e por todos os meus traços, fosse pela falta de pessoas negras por perto. Lembro-me do incômodo que a dona de uma determinada academia sentia ao ver meu cabelo em coque... me recordo também do meu esforço para ser bolsista no ballet clássico, já que o valor era alto demais para os meus pais pagarem. Escolhi esse conto para que pessoas pretas possam lembrar que, mesmo com os acessos restritos, a falta de representatividade e a pouca possibilidade de erro, ainda continuaremos resistindo e ocupando os espaços que desejamos. Seremos eternas Rose Dusreis, porque, como já disse Conceição Evaristo (2014, p. 25), “combinaram de nos matar. Mas nós combinamos de não morrer.” Quando a sua história é alterada, ressignificada e não é representada, faz-se necessário apropriar-se dela e reescrevê-la.

O processo de escrevivência da autora Conceição Evaristo cria espaços para o protagonismo e o pertencimento das mulheres pretas. Cria brechas para lutas e resistências. Cria fissuras para que suas histórias não fiquem eternamente em um ‘Quarto de Despejo’³ e que não sejam apenas sobre ‘eles’. A escrevivência é a reparação histórica para que mulheres negras, aquelas que não puderam aprender a ler e escrever, sejam capazes de começar uma revolução por meio das palavras. Palavras em textos que expõem as violências, os afetos, as dores e as vivências. Palavras essas que tiram o poder do colonizador de continuar sendo ‘o porta-voz’ e definindo as convicções do que podemos ser. Usamos a nossa própria escrita para nos definirmos, com o poder que nos foi negado. A escrevivência é o processo de descolonizar a escrita e as memórias; é um gesto de descolonização da história, da autoestima, dos limites do que somos, da nossa estética, do nosso poder e da nossa

³ Quarto de despejo: Diário de uma favelada é um livro escrito pela autora Carolina Maria de Jesus.

inteligência. São verbos demais que cabem em uma só palavra que diz sobre a vida e o protagonismo que foi negado a minorias, a mulheres pretas.

Esse artigo tem a seguinte estrutura: nesta introdução, o tema e os objetivos de pesquisa foram apresentados. Em seguida, o foco será no conceito de 'escrevivência' e na análise discursiva, linguística, histórica e política sobre os contos de Rose Dusreis, e de Isaltina Campo Belo, segundo os eixos temáticos discursivos: aceitação do corpo LGBTQIAP+, as violências e afetos. Por fim, algumas considerações finais e reflexões críticas serão tecidas.

1-Escrevivência

O processo de escrevivência da autora Conceição Evaristo evidencia o protagonismo de mulheres pretas, para que suas histórias sejam narradas e sejam focos de luta e de resistência crítica. A escrevivência é o processo de descolonizar a história, a autoestima, os limites do que somos, a nossa estética, o nosso poder e a nossa inteligência. Nas palavras de Conceição:

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. (EVARISTO, Conceição e DUARTE, Constância Lima, página 30)

No livro "Insubmissas Lágrimas de Mulheres" a autora faz um percurso de escrita etnográfica, criando contos através de entrevistas com mulheres brasileiras que narram suas histórias de vida para Conceição. O livro é um espaço contra-hegemônico que realça as mulheres que foram caladas, violentadas e que querem ser ouvidas depois de tanto tempo. O processo de escrevivência faz com que a própria autora reconheça a história de cada uma das mulheres em sua própria história e transforma as vivências de cada uma delas em contos que chegam a (con)fundir a experiência da autora com a das mulheres. O livro traz abertura para reflexões importante sobre o protagonismo de mulheres pretas, pobres e que não seguem a heteronormatividade nos mais diversos contextos como um reconhecimento do valor de suas experiências. Em um país que acredita na democracia racial e que ainda falha na autopercepção da

constituição de sua própria história, a escrevivência permite a percepção histórica crítica e decolonial nos mais diversos ângulos para uma educação emancipadora, crítica e libertadora.

Assim como as lágrimas que são insubmissas e que dão título ao livro, essas mesmas lágrimas demonstram a resistência dessa escrita, que expõe, cria laços de empatia e de compreensão e torna-se também um caminho terapêutico de libertação. O título faz uma correlação com a música “Lágrimas Negras”, originalmente de Gal Costa, demonstrando as tristezas, ou seja, as belezas apagadas por dentro e pelo sofrimento. Logo retrata também a voz do colonizador, representa uma história única, o etnocentrismo puro.

As belezas acesas por dentro são também parte do processo de escrevivência, de libertação e de uma história múltipla. Ao mesmo tempo, o cantor Baco Exu do Blues⁴ que também canta a música de Gal, compôs ‘em cima’ do refrão original o seu processo de escrevivência, retratando a dificuldade de amar, de confiar, as violências a que é submetido, o medo que deve ser escondido, a masculinidade, a virilidade que deve ser demonstrada e a insegurança que permeiam a sua vida. Toda essa alusão do título do livro e da música me lembram da obrigação que existe de incorporação do colonizador como homem e essas lágrimas negras que libertam da dor e da angústia essas vivências.

A escrevivência foi criada como uma forma de libertação da mulher preta. De acordo com Conceição Evaristo, libertação do corpo-voz acorrentado à casa grande e a seus desejos. Trata-se de uma retomada da narrativa e de todo seu poder, e é por meio dela que conseguimos ser humanizadas, já que mulheres pretas e escravizadas passaram por um processo de animalização. É na leitura da escrevivência que a maior parte das minorias encontra acolhimento, já que é uma escrita que dá espaço ao compartilhamento de emoções tão presentes na vida desses grupos minoritários como a solidão, a pobreza, a perseguição e a dor.

É também no processo de leitura que a magia ocorre, porque vai muito além do texto, do entendimento gramatical e semântico. A real conexão acontece com o senso de pertencimento, de reconhecimento identitário e com as diversas possibilidades de

⁴ Refrão da música Lágrimas com participação de Gal Costa: Lágrimas negras, caem, saem, saem
Lágrimas negras, caem, saem, saem
Dói, dói, dói, dói

criação da própria história de quem lê como uma forma de se reconhecer no mundo e também de (se) escrever sobre aquilo que se pode e sobre o que se deseja ser. É assim também poder sonhar pela escrita como um primeiro passo para se reconhecer em um mundo não ficcional e também ficcional, fazendo de si um personagem protagonista, transformando-se em sujeito histórico, em agente crítico, porque, assim como a maior parte das leituras e literaturas acadêmicas que tratam de raça, gênero e classe social, da mesma forma, a escrevivência é, nas palavras da própria autora negra, feminina e pobre. Por isso, decolonial.

A Escrevivência pode ser como se o sujeito da escrita estivesse escrevendo a si próprio, sendo ele a realidade ficcional, a própria inventiva de sua escrita, e muitas vezes o é. Mas, ao escrever a si próprio, seu gesto se amplia e, sem sair de si, colhe vidas, histórias do entorno. E por isso é uma escrita que não se esgota em si, mas, aprofunda, amplia, abarca a história de uma coletividade. Não se restringe, pois, a uma escrita de si, a uma pintura de si.”(Escrevivência, A Escrita de nós, página 35)

A escrevivência é um processo que não nos remete à vaidade de Narciso que escreve sobre si mesmo como um processo egocêntrico e que se limita a uma história única e de pura paixão por si. É um processo de escrita que reúne a história de muitos, que representa a dor, as vivências, a coletividade e as mais diversas experiências. É a potência máxima para a reflexão e construção da linguagem do povo preto, porque Narciso nunca representou o rosto e a história das minorias, são outros que nos dão rostos e formas as nossas lutas.

Afirmo que a Escrevivência não é uma escrita narcísica, pois não é uma escrita de si, que se limita a uma história de um eu sozinho, que se perde na solidão de Narciso. A Escrevivência é uma escrita que não se contempla nas águas de Narciso, pois o espelho de Narciso não reflete o nosso rosto. E nem ouvimos o eco de nossa fala, pois Narciso é surdo às nossas vozes. O nosso espelho é o de Oxum e de Iemanjá.(EVARISTO, Conceição e DUARTE, Constância Lima página 39)

2-ROSE DUSREIS

Ao longo de todos os contos é nítida a forma com que a autora decidiu ‘escrever’ essas mulheres. É sempre com um tom de admiração, de escuta atenta, de cuidado e de quem quer dar o verdadeiro protagonismo. A escolha de palavras é minuciosa e mostra o verdadeiro sentido e definição. Não se trata simplesmente de

usar palavras como: “guerreira, amorosa, batalhadora e forte”; palavras essas que aprisionam mulheres em lugares de exploração, romantizando o cansaço, a dor, a feminilidade e até mesmo a maternidade. E é assim que Conceição Evaristo escolhe olhar essas mulheres, sob a lente crítica e real.

O conto selecionado para esse trabalho narra a história de Rose, uma menina que sonha em dançar ballet, e que, mesmo com talento e sonho, as circunstâncias socioeconômicas dos pais se apresentam como uma grande limitação. Todavia, o que a limita ainda mais a menina e seu sonho é a professora que dá aulas pagas para as crianças ricas da cidade e que não lhe dá uma oportunidade. Diante do racismo vivenciado e de todas as desigualdades, o conto apresenta, de forma bastante crítica, a dificuldade de acesso às artes e aos privilégios de poder próprios de determinados ambientes e restritos a determinadas pessoas.

Ao iniciar a descrição da personagem, a autora utiliza, primeiramente, o substantivo “menina”, que nos remete a uma jovialidade e a uma energia de animação e de alegria do encontro. É um tom de deslumbramento, como o de alguém que se depara com uma pessoa de grande importância e um momento memorável. A utilização do advérbio “quando” deixa claro o impacto desse encontro que marca um momento que vai ser revisitado pela memória. A mudança de menina para mulher acontece rapidamente com a aproximação da personagem, no trecho a seguir: *“Quando vi Rose Dusreis, pela primeira vez, de longe, a bailar no salão do clube da cidade, pensei se tratar de uma **menina**. Ao me aproximar dela, vi, diante de mim, uma mulher de porte pequeno a **aparentar** uma extrema fragilidade.”* (p. 105)

O vocábulo utilizado não é mais de uma menina, a autora a define agora como uma mulher. A escolha da palavra “**aparentar**” demonstra o cuidado de uma percepção que não rotule a personagem à primeira vista em relação a sua fragilidade, tratando-a de maneira fortalecedora; O foco está no corpo que dança e nessa beleza. É como se fosse quase impossível focar em outra coisa que não fosse a sua dança e a autora faz questão de salientar que ela estava desacompanhada, assim como várias outras mulheres que estavam no salão. Conceição faz escolhas de palavras que exaltam essa mulher, provocando na leitura sensações de encantamento e de admiração, sem a colocar em um espaço de fetiche ou de sexualização.

O que chamou a minha atenção e aguçou a minha curiosidade, em relação a ela, foi o fato de que dentre tantas mulheres no baile, várias delas desacompanhadas, inclusive eu, muitas sobraram à espera de algum convite para dançar, menos Rose Dusreis. Ela era a mais **solicitada**. Fiquei seduzida pelo **encantamento** que Rose **provocava** nos homens, dos mais jovens aos mais velhos. (Evaristo, 2011, p. 105).

Em poucas palavras, a autora modifica o conceito e a visão relacionada ao corpo preto, ao utilizar a palavra “delicada” para definir a dança. Desse modo, a autora retira a voz e a perspectiva do colonizador que apenas observa a sensualidade, fetichismo e usa de sua voz para focalizar na admiração, como pode ser visto no seguinte trecho: *“E, quase esquecida da música e da dança, passei grande parte do tempo observando a **delicada** bailarina rodopiando nos braços dos parceiros.”* (Evaristo, 2011, p. 106).

O conto nos faz refletir sobre quais são os espaços negados a pessoas pretas pelo racismo estrutural, como é o caso do ballet como esse espaço elitista e marcado pela presença de corpos brancos. Rose nasceu em uma família cujo sustento está associado ao trabalho braçal, nos campos ou na limpeza. Desde a infância, Rose vivencia a diferença entre o ‘sobreviver’ e o ‘viver’: *“Dançar não nos oferecia nenhum sustento para a sobrevivência-continuou ela- não comemos dança, dizia minha mãe, toda vez que eu chegava da escola, encantada com o ensaio de ballet a que eu assistia lá”*(2011, p. 108). É necessário refletir aqui sobre os diversos feminismos, enquanto, no início, mulheres brancas lutavam pelos seus direitos de trabalho, mulheres pretas eram animalizadas e escravizadas. O direito de sonhar e de viver uma vida além da sobrevivência, infelizmente, é marcado por uma classe social e uma raça muito bem definida, como já dizia Angela Davis em seu livro *Mulheres, Raça e Classe* (1981, p. 50): *“Elas eram trabalhadoras produtivas no contexto da economia doméstica, e seu trabalho não era menos respeitado do que o de seus companheiros”*. Rose deveria romper com todo o peso da ideia do colonizador, do racismo que impregnou a mulher preta no lugar de exaustão, trabalho e servidão.

A sua professora de canto, que também dá aulas de ballet no turno contrário em sua escola, é a personagem que representa a esperança para uma criança que deseja ter acesso ao ballet, mas que se mostra, na prática, como uma possibilidade

bem distante em função do racismo. Pelo corpo de baile da cidade, a professora era caracterizada por sua gentileza e cuidado; pelas crianças pretas e da escola pública, a mesma é reconhecida por sua severidade. Os tratamentos diferenciados são baseados em uma concepção de quem é merecedor e de quem está excluído de uma educação de qualidade e do acesso às artes 'clássicas'. Rose toma coragem para se aproximar da professora e pede para dançar, mas se depara com uma resposta extremamente violenta e racista. Ao falar que o tipo físico de Rose não era propício ao ballet, a professora deixa bem claro que, no seu corpo de baile, pessoas pretas, seus traços, as suas histórias e seus corpos não são merecedores desse espaço.

Atília Bessa era só gentileza, só candura. Tanta doçura na voz e nos gestos, que em dois dias de ensaio me aventurei a pedir-lhe para também fazer parte do grupo de balé, mas disse-lhe que minha mãe não poderia pagar as aulas, entretanto poderia lavar as roupas dela de graça. E orgulhosamente, afirmei a grandeza profissional de minha mãe, que eu amava e admirava tanto. Anos depois, a cada dificuldade enfrentada para me profissionalizar, eu me lembrava da resposta que foi me dada naquele momento. Ternamente Atília Bessa pousou a mão em minha cabeça e me disse que o meu tipo físico não era propício para o ballet. (Evaristo, 2011, p. 109)

O conto é tocante, especialmente para mim, porque, assim como Rose, um dia desejei intensamente dançar ballet, mas as aulas eram caras e meus pais queriam que eu fizesse uma língua estrangeira, em vez de dançar. Eu fiz uma aula experimental e pedi, quase suplicando à professora, para que ela me desse a oportunidade de bolsa. Ela me deu cinquenta por cento do valor, o qual, felizmente, meus pais conseguiram pagar. Eu jurei empreender todos os meus esforços, ter uma dedicação intensa, rigorosa e com pontualidade. O ano em que fiz ballet foi um dos mais difíceis em relação ao meu corpo e, principalmente, em relação ao meu cabelo. Lembro-me de uma aluna que fazia questão de deixar as bolsistas extremamente desconfortáveis com seus olhares incessantes, com as risadas partilhadas pelas meninas do seu grupo. Lembro-me da atitude da dona da academia que se incomodava com o meu coque alto, com o meu cabelo... lembro-me do sentimento de não pertencimento. Penso em quantas vezes pessoas negras tiveram esse sentimento, quantos foram os lugares que também nos machucavam, pela pele que incomoda, pelo cabelo, pelas nossas histórias e pela falta de representatividade. Esses sentimentos dialogam com os de Rose quando ela narra que foi substituída por uma menina branca na interpretação da bonequinha

preta (seu sonho). Em um ato de extrema violência, a criança branca tem o seu rosto pintado de preto, ato altamente racista e muito frequente no passado como uma forma de representar pessoas pretas em peças teatrais. Esse tipo de prática é uma forma pejorativa de representação, tratando as pessoas negras como incapazes, infantis, ou seja, é mais uma forma de ridicularizar pessoas negras com o intuito de divertimento de pessoas brancas.

Ao perder o pai e ter a sua família dividida, para que a mãe conseguisse sustentar as suas duas irmãs, podemos ver, de forma muito clara, o processo de miscigenação caracterizado pelo estupro de mulheres pretas, em que os homens da casa grande acreditavam ter o poder de usar esses corpos como se fossem objetos. Assim, nascem as crianças conhecidas de forma pejorativa como as crianças bastardas e que não são reconhecidas pela família de 'bem'. As palavras de Angela Davis explicitam a violência de forma bastante clara: "O estupro era uma arma de dominação, uma arma de repressão, cujo objetivo oculto era aniquilar o desejo das escravas de resistir e, nesse processo, desmoralizar seus companheiros." (DAVIS, 2016, p. 38). Essa reflexão dialoga com o tema abordado no conto, quando Rose Dusreis fala da constituição de sua família e de sua árvore genealógica; pode-se perceber a base e a estrutura da família brasileira:

Nó familiar inaugurado no tempo em que os homens da casa-grande eram donos dos corpos das mulheres, dos homens e das crianças da senzala. Meu bisavô paterno era filho do Coronel Fontes dos Reis Menezes com Filomena, a escrava de dentro de casa, a mãe preta dos filhos dele.(Evaristo, 2011, p. 109).

Após esse trecho, Rose conta que Adiná, a sua irmã mais velha, estava trabalhando na casa de pessoas ricas para conseguir ajudar a família. O trabalho que representa a vida de quantas mulheres pretas que precisam criar crianças brancas e ricas para conseguir dar o sustento para seus lares. São mães, irmãs e mulheres que necessitam estar ausentes em suas próprias casas, dando continuidade ao período escravocrata, quando eram mães de leite ou faziam os trabalhos dentro da casa grande para que suas sinhás tivessem o direito à educação, cuidados pessoais e de terem outras perspectivas que fugissem aos cuidados maternos. O racismo perdura de forma intensa em nossa sociedade.

Após ficar sob os cuidados das Irmãs “Armadas do Calvário Jesus”, a própria Rose, para ter acesso a escola onde teria aulas de danças, de teatro e das demais artes, teve que vender a sua força de trabalho. O acesso à educação é o caminho que possibilita muitas mudanças e que, por isso, incomoda muito à branquitude. É incômodo pessoas pretas estarem nos mesmos ambientes de “sucesso”, nos mesmos cursos de medicina, na dança e em diversos outros locais que costumeiramente são frequentados pelas pessoas brancas. No conto, a branquitude pode ser representada pela professora de dança da escola pública de Rose Dusreis, que mantém a arte afastada e dominada por uma raça e classe muito bem definida e que também é visível nas meninas ricas para as quais Rose preparava o café.

E eu sendo entregue às irmãs da congregação “Amadas do Calvário de Jesus”. Fui entre lágrimas, minhas, de mamãe e de minhas irmãs que estavam em casa. Com Adiná, nem uma despedida. Entretanto toda a minha dor ganhava um lenitivo. Minha mãe, entre lágrimas me havia dito que no colégio em que eu ia morar tinha aulas de canto e de dança. E fui, apesar de...apesar de trabalhar intensamente. Acordava cedo, junto com outras meninas tão pobres quanto eu, para ajudarmos no preparo do café das meninas ricas. (Evaristo, 2011, p. 113).

A morte do pai de Rose traz um debate importante sobre a insegurança alimentar, o motivo maior pelo qual a mãe vê a necessidade de se separar das suas filhas na história de Rose. No Brasil, a população que mais sofre com a insegurança alimentar⁵ é a comunidade preta que está entre as pessoas que menos têm acesso a alimentos *in natura*. O nutricídio é mais uma das muitas faces do racismo que expõe pessoas negras a uma alimentação inadequada como uma forma de genocídio, assim como o racismo ambiental que demonstra que os locais mais perigosos e com maior risco de deslizamentos e outros “acidentes” são onde vivem as pessoas negras.

O conto traz reflexões sobre os espaços que pessoas pretas ocupam, sobre as taxas que são marcadas por corpos negro como: fumo, alcoolismo, desnutrição, mortes, doenças psicológicas, falta de acesso à saúde, desnutrição, falta de empregos e entre muitos outros espaços. Rose Dusreis termina o conto com um grave caso de anemia, doença muito frequente entre pessoas pretas e pardas. A personagem também chegou a perder uma irmã pela mesma doença e, por meio dessa

5

<https://www.brasildefato.com.br/2023/06/26/fome-no-brasil-atinge-mais-as-familias-de-mulheres-negras-aponta-estudo>

representação, traz uma reflexão importante sobre as doenças que não recebem um tratamento político e que continuam matando pessoas pretas; são doenças silenciadas nas pautas de discussão do governo e de pessoas investidas de poder.

Os sintomas relacionados à anemia estão associados ao cansaço e à fraqueza; os sintomas relatados pela personagem (e que também perseguiram a sua irmã que morreu jovem) denunciam a falta de acesso e de políticas públicas que demonstram as consequências do racismo estrutural e as necessidades específicas em relação a população negra. A personagem Rose Dusreis decide manter a dança como uma luta contra todas as opressões. É uma dança que vem de um corpo que vivenciou as mais diversas violências e que é usada como arte e como forma de resistência e de esperança, que questiona os espaços negados e cria novos espaços que ultrapassem as fronteiras dos já estabelecidos.

3- ISALTINA CAMPO BELO

O conto de Isaltina Campo Belo traz a representação de violência de gênero a partir de tensionamentos na identificação da própria sexualidade. Trata também do estupro corretivo, das violências e incompreensões vivenciadas dentro de casa. A personagem, em sua infância, demonstra uma confusão, afirmando ser e ter um menino dentro de si, sente raiva da família que não o percebe e que continua a tratá-la como menina. A busca incessante por uma autocompreensão faz com que Isaltina saia da cidade, vá fazer faculdade e é nesse processo que um homem utiliza o estupro corretivo⁶ para ‘curar’ esse ‘homem’ que existe dentro dela. Isaltina fica grávida, tem uma filha e, no futuro, acaba se apaixonando e se relacionando com a professora da filha. Finalmente, Isaltina encontra cura para suas cicatrizes no afeto. As escolhas lexicais recorrentes no conto ajudam a construir uma imagem de Isaltina associada à sabedoria, desde a infância, fragmentando os adultos em uma representação de ignorância, “os grandes iriam perceber”. Isaltina tão pequena já sabia tanto de si e aguardava pelo despertar daqueles que eram chamados de ‘grandes’.

Eu era um menino. O que mais me intrigava era o fato de minha mãe ser enfermeira e nunca ter percebido o engano que todos cometiam. Ainda novinha, talvez antes mesmo dos meus cinco anos, eu já

⁶ O estupro corretivo é uma forma de violência destinada a mulheres (majoritariamente lésbicas e bissexuais) com o intuito de “corrigir” o que na visão deles seria uma sexualidade errada.

descobrir o menino que eu trazia em mim e acreditava piamente que, um dia, os grandes iriam perceber o erro que estavam cometendo. (Evaristo, 2011, p. 58).

Ao longo do conto, a escolha de palavras deixa bem nítido o prazer, a honra e o carinho que a personagem sente ao receber Conceição em sua casa. A conexão de duas mulheres pretas se dá no encontro de suas narrativas como espaço frutífero e criativo de partilha de dores, admiração em que as mulheres se conectam pela risada, pelo choro, por um sorriso que expressa a compreensão de vivências e a resistência.

Conceição caracteriza Campo Belo, como a personagem gosta de ser chamada, de forma altamente juvenil e vívida. Ao começar a sua caracterização, utiliza o verbo 'denunciar' para falar de sua aparente jovialidade, porque é como se fosse um 'crime' que os cabelos brancos denunciasses a idade de um rosto que não apresenta mais que 40 anos. Conceição poderia ter utilizado a palavra "demonstrando", mas a escolha do tom de denúncia ajuda a antecipar uma história de dor e de muitas lutas.

Se os cabelos curtos, à moda black power, estavam profundamente marcados por chumaços brancos, denunciando que a sua juventude já tinha ficado há um bom tempo para trás, seu rosto negro, sem qualquer vestígio de rugas, brincava de ser o de uma mulher que no máximo teria os quarenta anos. Entretanto, Isaltina tinha uma filha de 35 anos. (Evaristo, 2011, p. 56).

Para Isaltina, a filha nunca vai deixar de ser uma menininha, uma criança que, de forma simbólica e afetuosa, a mãe segura nas mãos através de uma foto ao longo de toda a entrevista. Apresenta a menina à Conceição e possibilita que a própria escritora segure o retrato, como se permitisse que a tutela da menina ficasse em suas mãos por alguns minutos e sob a sua supervisão atenciosa. Mesmo que a foto estivesse tão presente, é na perspectiva da foto que também podemos perceber a ausência dolorida, porque a foto é a representação da saudade e da memória daquilo que já foi vivido. Parece ser um objeto que aciona as memórias prestes a serem narradas, pois é com esse sentimento de saudade que Campo Belo fala da/para a filha, como uma explicação de algo que não ficou bem resolvido no passado, como um possível pedido de perdão ao contar tudo de forma mais clara. Até mesmo Conceição não sente que cabe interferências, apenas a escuta, sabendo que ela está mais como espectadora, coadjuvante e ouvinte de um diálogo entre a mãe e uma filha ausente, mas que

mesmo assim está ali presente com a protagonista e crescendo como uma também na presença textual.

E, quando o retrato da moça, não estava em nossas mãos, estava em cima da mesa a nos contemplar. Eu tive a impressão de que Campo Belo falava para a filha e não para mim. Não fiz uma interferência, nenhuma pergunta. Guardei silêncio, o momento de fala não era meu. (Evaristo, p+2011, p. 56).

Ao iniciar a sua narração, Campo Belo utiliza a palavra, diferente, para expressar como era o sentimento de viver em seu corpo, o que passa à leitora uma dificuldade de sentir-se confortável em sua própria pele, no trecho: “Desde menina-assim começou Campo Belo, com a foto de Walquíria nas mãos-eu me sentia diferente” (2011, p. 56). A personagem deixa claro que nasceu após um menino e uma menina, mas em nenhum momento demonstra um marco do seu próprio nascimento, percebe-se que o marco dos nascimentos do irmão e da irmã está presente na escrita, mas o gênero do seu nascimento não é devidamente assinalado como um fato importante. Ela deixa no ar um tom de dúvida e ambiguidade sobre esse espectro do feminino e do masculino e de onde a personagem está inserida. É como se nascer após uma menina e um menino a colocasse no meio disso, como se fosse algo que não é muito bem esclarecido, mas que foge o conceito de feminino e masculino. Podemos pensar sobre como tudo o que foge à dicotomização da vida gera um sentimento de inadequação a quem o sente.

O gênero, como conceito, prevê o binário masculino/feminino, assim como o sexo prevê o binário macho/fêmea. A interpretação dos corpos a partir do gênero os faz vivos, pois a existência é significada a partir do entendimento do gênero, fazendo com que os corpos sejam permeados por um discurso cultural hegemônico que, por coerção, define, orienta, subjetiva. O gênero como constituição social não se sustenta posto que se atravessado por diversos aspectos culturais, étnicos, raciais, políticos e econômicos, seriam possíveis inimagináveis tipos de gêneros (FOUCAULT, 2015 apud BUTLER, 2008, p. 38)

Ao ambientar o contexto socioeconômico de seus pais e sua infância, Isaltina descreve o trabalho da mãe de forma grandiosa, mais uma vez ressaltando, ao longo do conto, a valorização da mulher: o pai como um pequeno funcionário, enquanto a mãe era uma enfermeira do grande hospital. Possivelmente a autora faz esse jogo entre ‘pequeno’ e ‘grande’ porque também é uma crítica e uma reflexão do trabalho

não só formal, mas da maternidade e do trabalho doméstico que até hoje são quase que exclusivamente atribuídos a mulheres.

Meu pai trabalhava como pequeno funcionário da prefeitura e minha mãe como enfermeira do grande hospital público da cidade. Ambos trabalhavam muito. Meu pai completava o salário fazendo a contabilidade de várias lojas do comércio local. E minha mãe, aplicando injeções, fazendo curativos e, às vezes, até partos de mulheres que, pelos mais variados motivos, não chegavam ao único hospital da cidade (Evarsito, 2011, p. 57).

Os pais tentavam complementar os salários de diversas formas, e, ao dizer que a mãe fazia parto de mulheres, podemos perceber que a cidade em que nasceu era um lugar pequeno e com apenas um hospital na cidade inteira. Por conta de todos os trabalhos que os pais de Isaltina faziam, a aceitabilidade da família era muito grande. Ao utilizar a palavra “aceitos”, Conceição demonstra a posição social de Isaltina e como a família era bem vista nessa pequena comunidade, tendo como atributos a honestidade e o trabalho. Diante dessas características, os filhos se sentem na responsabilidade de manter esse legado, como no trecho da página 57: “Éramos muito conhecidos e bem aceitos. Nossa família, desde os avós maternos de minha mãe, já se encontrava estabelecida na cidade”.

Aos filhos que não seguiam os padrões heteronormativos ou binários pré-estabelecidos no nascimento, a visão da cidade sobre a família acarretava um sentimento de peso, de medo e de insegurança. Ao escolher a palavra “aceitos” podemos refletir sobre a história de diversas ‘Isaltinas’ que nasceram em cidades pequenas, onde as famílias eram bem vistas e valorizadas e, com isso, os filhos carregaram os sobrenomes e o conhecimento de quem são seus pais, com medo de fugir do padrão, de acabar com a expectativa da família, reprimindo assim os seus próprios sentimentos, especialmente quando se trata de rupturas em termos de gênero. De acordo com o artigo sobre vivências LGBTQIAP+ em contextos interioranos na ótica de Butler, podemos ver que:

Os estudos de Judith Butler (2004) apontam o gênero como uma norma social incorporada nas/os atoras/es e que permite que certos tipos de práticas e ações tornem-se legitimadas e inteligíveis, enquanto outras são simplesmente invisibilizadas, de modo que tal norma é capaz de eleger os parâmetros do que aparecerá e do que desaparecerá dentro da esfera social. É, ainda, um aparato de

normalização do que é considerado feminino ou masculino. (Franco e Salvador, 2020 p. 4)

A história da família de Isaltina é exaltada e não parte da vivência de violência da escravidão, mas da escolha de palavras que demonstra a alforria e o momento de libertação que constituiu uma família que tinha tanto respeito nesse círculo social e que, como a própria personagem demonstra, construiu entre seus irmãos um tom de admiração e dignidade. Esse olhar nos revela a importância da ancestralidade de pessoas pretas, sob o viés do orgulho e das possibilidades e oportunidades que são abertas por conta de nossos ancestrais. O pai de Isaltina teve direito ao estudo por conta de seus pais e Isaltina teve ainda mais possibilidade pelo emprego na prefeitura por conta de seu pai. O incômodo que permeia a personagem é em relação ao seu gênero social, a repetição da palavra 'errada' e 'enganados' atribui o sentimento de incômodo, agonia e de sensação de ser vítima de uma violência, que passa por todos esses sentimentos de inadequação sem poder expressar as suas dores, se sentindo errada, estando em uma pele que gera incômodo, enganada desde o nascimento pelo peso social do que significa ser mulher. Isaltina não se identificava, na verdade, com a carga do gênero em si. "Eu me sentia menino e me angustiava com o fato de ninguém perceber. Tinham me dado um nome errado, me tratavam de modo errado, me vestiam de maneira errada....Estavam todos enganados. Eu era um menino." (Evaristo, 2011, p. 57).

A certeza com que Isaltina afirma que é um menino e que expressa a sua indignação pelo fato de adultos não perceberem, expressa também o silenciamento das multiplicidades de gênero e de expressão da sexualidade, principalmente em contexto interioranos. Aqui, possivelmente, já havia uma expressão de não feminilidade e de falta de identificação com os quesitos relacionadas ao padrão social esperado sobre 'ser mulher', mas que não eram assumidos, nem revelados, e que são descritos, no tom de uma criança que tem certeza quanto ao que sente em relação ao seu próprio corpo e que espera que os outros possam despertar em relação a isso. Mesmo quando ficou doente, com uma crise de apendicite, a criança pensa que finalmente a verdade será revelada, como uma felicidade interna pela possibilidade de libertação e de ser vista tal como se sente. Esse relato chega a ser doloroso, pois o que

se observa é que o único desejo de Isaltina é ser vista, como no trecho a seguir: “O médico iria descobrir quem era eu, lá por debaixo de mim, e contaria para todos. Então, o menino que carregava, e que ninguém via, poderia soltar as suas asas e voar feliz.” (Evaristo, 2011, p. 58).

O uso da palavra ‘carregava’ demonstra o peso que foi para essa criança sentir que não a percebiam, pois, mesmo diante da dor da cirurgia, a felicidade que a personagem sente é o que prepondera, como se Isaltina tivesse chegando muito perto de poder se expressar: “Então, o menino que eu carregava, e que ninguém via, poderia soltar as suas asas e voar feliz.” (p.58).

Isaltina não necessariamente se identifica como um homem ‘trans’ como podemos ver ao final do conto, mas a dor que ela sente ao utilizarem pronomes e palavras no feminino demonstram uma possível disforia de gênero, caracterizada pela angústia e incompreensão acarretados pelo gênero de nascimento e de incompreensão que apresentam diversas consequências.

A disforia de gênero é quando a pessoa apresenta sentimentos de angústia significativa ou dificuldade de funcionamento relacionados a um sentimento persistente de que o sexo ao nascimento não corresponde ao seu sentimento interno de ser do sexo masculino, feminino, misto, neutro ou outra coisa (identidade de gênero). (BROWN, 2022, não paginado.)

De acordo com a psicóloga Michelle Teixeira (2021) algumas das consequências e características apresentadas da disforia são: isolamento e distanciamento social de amigos e familiares, apresentam descontentamento em relação aos seus órgãos genitais, fantasiam constantemente como se fossem do outro gênero e entre outras diversas consequências. A personagem tenta buscar acolhimento no médico como profissional que poderia perceber seu verdadeiro gênero e em sua mãe que é sua progenitora e que, em sua cabeça, não teria como não saber. A menina se frustra ao perceber que ninguém consegue enxergar a sua angústia e sente ódio de sua mãe nesse processo; a violência de não ser reconhecida por sua mãe como menino após a cirurgia (idealização que ela criança criou: com a cirurgia todos iriam saber que ela era um menino). Esse não reconhecimento da mãe fere seus sentimentos profundamente, como se fosse uma traição, o que gera uma dor profunda em relação à mãe, como pode ser visto na escolha da palavra ‘algoz’ ao se referir a mãe. Então, o sentimento de

Campo Belo em relação a mãe é de alguém que a ‘tortura’; mesmo que o sentimento da criança seja legítimo é nítido que a mãe não percebe todas essas questões de gênero e acolhe tanto o relacionamento futuro de Isaltina, quanto a neta de forma afetuosa e sem questionamentos. “E minha mãe sempre cumprindo o papel de minha algoz.” (p. 59).

A personagem utiliza a palavra ‘desconhecimento’ para expressar a forma como não é vista pelas outras pessoas. Viver como uma desconhecida, sendo alguém que não se é e que não pode dizer sua palavra no mundo, que vive esperando que os outros a percebam traz um dilema existencial para Isaltina. A escolha de palavras para narrar esse não pertencimento em seu mundo realça a extrema invisibilidade, o apagamento, e a dor é quase palpável no conto; a dor da personagem, que também é demonstrada ao chegar à adolescência. O contato com o sangue menstrual e as alterações hormonais relacionadas à irmã reforçam ainda mais a disforia de gênero da personagem que se vê mais perto do grupo das mulheres mais velhas, em que assuntos considerados ainda tabus relacionadas a sexo e a menstruação ali são confessados. Ao relatar o acontecimento da chegada da menarca, podemos perceber o binarismo exposto socialmente nas brincadeiras infantis consideradas femininas e masculinas: o irmão pode subir na árvore e as meninas não devem subir; os meninos são muito mais incentivados a terem brincadeiras que reforcem uma estrutura muscular, enquanto meninas que tem as mesmas brincadeiras logo são julgadas por uma sociedade binária como masculinizadas. Desse modo, o conto nos faz refletir que a “socialização das crianças é um processo de formação de pequenas fêmeas e machos ensinados, desde o berço, que cada sexo tem seu lugar e seus limites, suas preferências corretas, seu caminho definido” (SWAIN, 2000, p.62).

O momento da chegada da própria menstruação, das mudanças corporais, da adolescência, parece trazer um esclarecimento maior e uma percepção sobre a própria sexualidade. Esse conto me tocou porque me vi nesse momento como Isaltina, percebendo que os meus desejos não eram direcionados aos homens, que eu não me identificava com os desejos das minhas amigas; eu fugia de homens e não conseguia ter coragem para viver o que eu realmente desejava. Isaltina representa milhares de pessoas LGBTQIAP+ que são socializadas em uma sociedade altamente homofóbica e que querem nos dizer como devemos nos portar; nos sentimos, durante anos, em um

estado de não pertencimento, de auto ódio e de muita dor. É, ao utilizar a palavra ‘contida’, que ela representa o medo de sermos quem somos, de necessitar nos esconder e nos conter para que, assim, ninguém possa realmente (no) ‘descobrir’. É criada uma necessidade de fuga, de um fugir de nós mesmos, de nossos afetos, daqueles que podem nos descobrir e daqueles que não desejamos, fugimos e chegamos ao ponto de nos desencontrar de nós mesmos.

Ao utilizar a palavra ‘nunca’ para se referir ao fato de não ter vivenciado um romance, a personagem estabelece um espaço tempo vivenciado por muitas pessoas LGBTQIAP+ que não tiveram a possibilidade de viver uma adolescência de descobrimentos. Aos 22 anos, Campo Belo ainda não tinha se possibilitado vivenciar o amor, porque o amor ainda não é um direito público de todos “Tinha eu meus vinte e dois anos sem nunca ter experimentado uma paixão, um afago, uma ilusão de amor qualquer. Nem platônica.” (p. 62).

Os questionamentos que a família faz em relação a uma possibilidade de um romance e a utilização do advérbio de intensidade ‘tão’ ao descrever as qualidades de Campo Belo, demonstram o quanto ela é excelente e como a heteronormatividade e o fato de não segui-la pode diminuir o conceito relacionado a sua capacidade e a suas qualidades, acarretando no indivíduo uma pressão. Nesse contexto de Isaltina, até mesmo uma comparação em relação aos irmãos, que já apresentam parceiros afetivos, a faz com que personagem sinta ser preciso se esconder, já que não se sente mais em um ambiente acolhedor. “E as justificativas sobre essas descrenças eram sempre as mesmas. Como uma jovem tão inteligente, tão bonita, tão educada, tão e tão como eu, podia estar sozinha... Inexplicável.” (p.62)

A heteronormatividade é um mecanismo de controle que tem como objetivo o não questionamento sobre a possibilidade de vivência de outras formas de vivenciar a sexualidade, naturalizando a heterossexualidade, o binarismo dos gêneros e marginalizando qualquer outra forma expressão da sexualidade divergente dela. Ao existir em um contexto heteronormativo e heterossexista, pessoas que tenham uma expressão de sexualidade e gênero diversa da esperada e socialmente normatizada são estigmatizadas em razão dessa diferença (TEIXEIRA-FILHO e RONDINI, 2012).

Ao descrever o relacionamento dos irmãos, Conceição utiliza a palavra ‘desaprovação’, demonstrando que, mesmo que muitos familiares não estivessem de

acordo em relação aos parceiros românticos dos irmãos, a desaprovação que seria reservada à Isaltina poderia acarretar, não só em um burburinho de desaprovação, mas uma possível violência física, verbal e até mesmo um corte de vínculos.

Isaltina mostra a importância da visão de sua família sobre os seus futuros relacionamentos e sobre sua própria sexualidade. Isso fica ainda mais nítido ao sair de casa para buscar um mundo onde seja confortável ser uma mulher lésbica ou bissexual. Ela ainda ressalta que precisa ser um mundo “Mas que me coubesse sozinha”, como se esse ‘sozinha’ fosse livre das expectativas e idealizações de uma família que não a conhece, um ninho onde ela não se encaixa e onde os pares que ela deseja formar não são aceitáveis.

Enquanto isso, meu irmão e minha irmã cada vez mais se afirmavam no campo amoroso, sob a aprovação ou desaprovação, não só de nossos pais, mas de vários membros da família. Sem nada para contar, pois nada eu tinha vivido nesse terreno, estranha no ninho, em que os pares são formados por um homem e uma mulher, resolvi sair de casa, mudar de cidade, buscar um mundo que me coubesse.(EVARISTO, Conceição 63)

Após mudar de cidade, finalizar a sua graduação e tentar buscar um novo emprego para ter melhores oportunidades, a personagem relata o processo de fuga de si mesma, sobre o conforto de não ser questionada, de ter o confronto consigo mesma, de não se expor e, conseqüentemente, de não ‘ousar’. Trata-se de um processo violento de conformação, de medo e insegurança que podemos perceber na fala da personagem. Ao iniciar o relacionamento com um colega que demonstra interesse por Isaltina, fica evidente o quanto a heteronormatividade é uma instituição que apenas possibilita às pessoas que vejam relacionamentos entre mulheres e homens como possíveis e corretos. Mesmo não sentindo interesse afetivo-sexual, a personagem tenta passar por cima de si para conseguir seguir o padrão e fugir do sentimento de afeto relacionado a mulheres. Em nenhum momento, a personagem descreve o relacionamento de forma amorosa, todos os contatos com o rapaz parecem ser violentos, forçados ou como se Isaltina estivesse tentando se convencer de que ele seria uma pessoa boa para ela. A busca por uma vivência de heterossexualidade parece vir da família de Isaltina que a questiona o tempo todo sobre a falta de um namorado. O medo da resposta, a culpa que existe pela falta de representatividade, de ver outros

futuros possíveis, a necessidade de fuga para um lugar onde ela possa se sentir confortável, enfim, em tudo aquilo que nos cerca, podemos ver a heterossexualidade como a cultura que deve ser dominante e com consequências penosas para o caso dos ‘desvios’, Swain (2012, p. 3) afirma:

A heterossexualidade é, da mesma forma, politicamente compulsória, o que significa um intenso processo de convencimento cultural em políticas familiares e educacionais ou a imposição pela coerção de normas de submissão e devoção ao masculino, construindo-o de forma imperiosa como definidor da divisão de trabalho, remuneração e importância social.

A mulher lésbica não podendo ter a sua sexualidade representada de forma natural como uma dentre as diversas possibilidades em um mundo diverso, sofre na lente da heterossexualidade compulsória com as diversas razões que a “tornam” essa mulher lésbica. Os mitos relacionados à lesbianidade são ligados a mulheres que não tiveram o ‘verdadeiro’ contato com um homem viril que pudesse fazê-la sentir o que é o relacionamento com um homem; a outra possibilidade está subordinada a mulher que teve um trauma, seja esse trauma relacionado ao ciúmes, traição ou a uma violência. Aos homens é impensável cogitar que uma mulher sinta desejo unicamente por mulheres. Em um mundo falocêntrico, o prazer deve ser destinado ao homem e para o homem, então a outra perspectiva da lesbianidade está associada a um fetichismo que deve ser destinada ao homem hétero, de acordo com Silva (2019, p. 4)

De acordo com essa perspectiva, a lesbianidade passa a ser construída a partir de um imaginário heterossexual masculino, o qual, não raramente, concebe a mulher lésbica com base em uma dicotomia: primeiramente, a lésbica que corresponde aos padrões de feminilidade, objeto de prazer. Em oposição a ela, geralmente há a idealização da lésbica masculinizada, que deseja ocupar a posição do homem e ser detentora de um pênis, ou seja, a mulher que recorreu à lesbianidade devido a alguma rejeição masculina. Em ambos os casos, a lésbica é construída tomando como ponto de partida a imagem da heterossexualidade masculina.

Dessa forma a sexualidade da mulher lésbica deve ser legitimada a partir de um trauma, uma doença ou algum tipo de visão negativa e negacionista relacionada a suas vivências. Diante de uma sociedade hetenormativa é necessário encontrar algum meio que mantenha o poder da coerção sobre os corpos que arriscam fugir da norma padrão, é um corpo que ainda deve servir aos desejos fetichistas heterossexuais, para

que não sejam destinados unicamente para mulheres. Importante ressaltar que corpo da mulher negra sofre duplamente com a violência de gênero e de raça. No período de escravidão os senhores de escravos utilizavam o estupro como uma forma de dominação sobre a força e a resistência feminina, foram as mulheres pretas que deram início à vida sexual dos filhos da casa grande, corpos esse objetificados e sexualizados, corpos que deveriam ser servos, permissivos e sensuais. Os corpos das mulheres escravizadas serviam no campo e serviam sexualmente, sendo diminuídos a meros objetos sexuais sempre disponíveis, como um corpo que sempre deseja e sempre está disponível.

De acordo com o levantamento Gênero e Número, obtidos a partir do Sistema de informação de Agravos de Notificação, no ano de 2017 em média seis mulheres lésbicas foram estuprada por dia. O estupro corretivo está aliado a uma ideia de correção a uma sexualidade vista como doentia a partir na perspectiva da heterossexualidade. Dessa forma, os estupradores atuam como agentes coercitivos, utilizando da violência viril e dando continuidade a visão colonizadora do estupro como forma de diminuir a força do corpo resistente em meio as regras estabelecidas que denominam esse corpo como doentio, de acordo com a autora:

“no imaginário popular a crença em uma “correção” de identidade sexual – chamada vulgarmente de “cura gay”. Nesse sentido, a crença errônea do estuprador é a de que seu ato servirá para mostrar à sua vítima, o “verdadeiro” exemplo de masculinidade e prazer sexual e que, com isso, “corrigirá” sua orientação sexual ou seu gênero. Diante disto, foram criados engajamentos de políticas públicas e penais para que haja a reeducação social e estes casos de intolerâncias derivados do preconceito de gênero sejam revertidos. (LOPES, Fernanda, página 27)

O estupro corretivo é ainda mais direcionado a comunidade LGBTQIAP+ como uma forma de punição a sexualidade:

O estupro corretivo é movido por um discurso de ódio, sendo exteriorizado e culturalmente voltado para mulheres LGBTQIA+, como uma forma de castigo/punição pela recusa da mulher à masculinidade do homem, que busca uma “cura” por meio da violência sexual, sendo importante analisar que este crime é motivado pelo preconceito, e nunca praticado de forma isolada, na maioria das vezes vem acompanhada tanto de agressões físicas como também verbais (SILVA, 2017)

A personagem sofre um estupro corretivo e coletivo, a partir de uma visão lesbofóbica e racista que insiste em perpetuar uma visão hipersexualizada e colonizadora sob o corpo preto, como uma forma de coerção de uma sexualidade que foge ao padrão e de uma visão androcêntrica. O corpo é definido pela própria personagem no ato da violência como um corpo que sofre com a solidão, como no trecho: “Cinco homens deflorando a inexperiência e a solidão do meu corpo.” (p. 63). Isaltina não consegue denunciar e nem voltar ao seu trabalho, engravida e decide voltar para a sua família e é, em um final lindo, que podemos, finalmente, ver essa mulher tendo o direito de demonstrar o seu afeto por outra mulher.

4- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final dessa pesquisa foi possível constatar a relevância de uma literatura etnográfica crítica na representação de histórias que não reflitam mais a perspectiva do colonizador. Trata-se de uma literatura insurgente que coloca em diálogo vozes outras. São narradas histórias de quem viveu, ou seja, das pessoas marginalizadas pelos sistema Colonial/Moderno e que tem a possibilidade de utilizar de sua dor comunicando-a por meio da arte, para que, assim, possa acontecer uma transformação no processo identitário, criando espaços literários críticos e de pertencimento para alunos pretos dentro de sala de aula.

A escrita de Conceição Evaristo tem a potência de engajar a leitura e elevar a esfera dessa função a uma forma de ação social ligada à mudança das práticas. É uma escrita crítica decolonial. A análise textual realizada demonstra, de forma bastante explícita, os marcadores de violência que perpassam as narrativas de vida de mulheres pretas. São visíveis nas narrativas os ‘espaços de exploração’ associados aos corpos, a pessoas, ao trabalho e à servidão. No caso de Rose Dusreis, para que tivesse acesso às aulas e ao ensino de qualidade, as alunas pretas e periféricas deveriam ter seus corpos explorados, vendendo a sua força de trabalho.

É no encontro de Conceição com as mulheres que se pode perceber o afeto, o cuidado e o carinho, mas também a constituição da crítica, do desejo de mudança e da insurgente luta. As conexões entre corpos pretos e a escrita da autora geram os espaços de escrevivências; Conceição não visualiza esses corpos como alvos de exploração e de denúncia, mas como espaços de luta, de protagonismo, de admiração,

respeito e de muito carinho, ecoando em muitas histórias reais. Essa escrevivência ultrapassa o papel e chega aqui para leitoras e leitores, entra nas salas de aulas e inicia as revoluções dentro delas- pessoas, corpos e espaços.

Referências bibliográficas

- BROWN, George R. Disforia de gênero. **Manual MSD Versão Saúde para a Família**. Disponível em: <https://www.msmanuals.com/pt-br/casa/dist%C3%BArbios-des%C3%BAde-mental/disforia-de-g%C3%AAnero/disforia-de-g%C3%AAnero>
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- BUTLER, Judith. **Undoing Gender**. New York: Routledge, 2004, 288 p.
- CRISTANI, Vanessa Didolich. O quartinho da empregada é a senzala moderna. **Fórum de Literatura Brasileira Contemporânea**, v. 14, n. 28, 2022.
- DAVIS, Ângela. **Mulheres, Raça e Classe**. São Paulo: Boitempo, 2016
- DE SOUZA ALVES, Adriano et al. Existências não cisheteronormativas e dano existencial: **as sexualidades dissidentes e seus atravessamentos na construção do projeto de vida de LGBTQIA+**. 2021
- DEVULSKY, Alessandra. **Colorismo: Feminismos Plurais**. São Paulo: Jandaíra, 2021.
- DO CARMO, Nádia Amaro; DA SILVA RODRIGUES, Ozaias. Minha carne não me define:: a hipersexualização da mulher negra no Brasil. **O Público e o Privado**, v. 19, n. 40 set/dez, 2021.
- EVARISTO, Conceição. **Escrevivência: a escrita de nós**. In: DUARTE, Constância Lima. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Gaya Lopes e Itaú Social, 2020.
- _____. **Insubmissas Lágrimas de Mulheres**. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.
- _____. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.
- FRANCO, Neil; SALVADOR, Nayara Rios Cunha. "Todo mundo tá sempre tomando conta da vida dos outros": vivências e trajetórias LGBTQIA+ em contextos interioranos. *Revista Debates Insubmissos*. V.3/ Número 9. 2020. Link disponível em < <https://periodicos.ufpe.br/revistas/debatesinsubmissos/article/view/246455>>
- LOPES, Fernanda Santos. O estupro corretivo: as vertentes do preconceito contra as mulheres lésbicas. 2021.
- Macedo, Bárbara Macieira Ribeiro. "**Necropolítica alimentar no Brasil: controle e extermínio da população negra pós-abolição**." (2021).
- MEDEIROS, Gabriela Gonçalves de; GOERCH, Alberto Barreto. A "cultura do estupro" e o incentivo ao estupro corretivo contra a comunidade lgbt. Graduanda do oitavo semestre do curso de Direito na Faculdade de Direito de Santa Maria –FADISMA- 2018.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Manual de Doenças Mais Importantes, por Razões Étnicas, na População Brasileira Afro-Descendente**. Brasília: Ministério da Saúde; 2001. Disponível em: < https://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/doencas_etnicas.pdf
- NAVARRO-SWAIN, Tânia. Desfazendo o "natural": a heterossexualidade compulsória e continuum lesbiano. *Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades*, v. 4, n. 05, 26 nov.

2012. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2310/>. Acesso em: 25 nov. 2020

OLIVEIRA, Lidiane Cristina Andrade de. **Respeitem os nossos pronomes, respeitem os nossos corpos e respeitem as nossas histórias: a biblioteca como âncora informacional para mulheres trans**. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. ‘

SILVA, Alessa. Reflexões acerca da lesbianidade: a literatura como um espaço de (re) existência da subjetividade lésbica na contemporaneidade. **Boletim Historiar**, v. 6, n. 3, 2019.

SWAIN, Tânia Navarro. **O que é lesbianismo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2000.

TEIXEIRA, Michelle . **Quais os primeiros sinais da disforia de gênero? Psiquiatra em Lucas do Rio Verde | Dra. Michelle Teixeira**. Disponível em: <https://dramichelleteixeira.com.br/quais-os-primeiros-sinais-da-disforia-de-genero/>